



A FARÇA

Quinzenario illustrado

Numero { Portugal — 50 réis
avulso { Brazil — 400 réis (moeda fraca)

ASSIGNATURA

(Por serie de 12 numeros)

Portugal e colonias 600 réis
Brazil (moeda fraca) 3\$800 »
Estrangeiro 5 francos

Toda a correspondencia relativa á parte litteraria, e em geral á redacção d'*A Farça*, deve ser dirigida ao Director litterario, R. de Sub-Ripas, 26 — Coimbra.

A correspondencia relativa á parte artistica deve ser dirigida ao Director artistico, R. Alexandre Herculano, 7.

A administração desta Revista pertence de hoje em diante á *Livraria Editora F. França & Armenio Amado*. Para lá deve ser dirigida toda a correspondencia que lhe diga respeito, e para lá também poderão os nossos assignantes reclamar contra a feita de remessa de algum dos primeiros numeros, ou outra qualquer irregularidade.

São nossos obsequiosos correspondentes no Brazil:

NO RIO DE JANEIRO:

o sr. Carlos de Azambuja, rua do Hospicio, 13.

NO PARÁ:

o sr. Augusto Marques Coelho, Travessa da Industria, 4.

EM S. PAULO:

o sr. Dr. Antonio Augusto, illustre professor.

Concurso de cartazes artisticos

Num dos proximos numeros abriremos um concurso de cartazes artisticos para diversas casas commerciaes e a que concorrerão artistas nacionaes e estrangeiros.

Iniciará esta serie de concursos uma casa de Lisboa, muito conhecida pelas grandes transações que effectua e pela sua ousada iniciativa.

ANNUNCIOS

	Em um só numero	Por serie de 12 numeros
1 pagina	3\$000 réis	25\$000
1/2 »	1\$800 »	15\$000
1/4 »	1\$000 »	10\$000
1/5 »	800 »	8\$000
1/8 »	600 »	5\$000
1/10 »	450 »	4\$000
1/16 »	350 »	3\$000

Tiragem: 3000 exemplares

Nos proximos numeros:

Chronicas de João Chagas e Albino Forjaz de Sampayo.

Artigos de:

Annibal Soares, Alfredo Mesquita, Camara Lima, Antonio de Monforte, Alberto Monsaraz, João Correia de Oliveira, Luis de Camara Reys, Hippolyto Raposo, Eduardo de Carvalho, M. Cardoso Martha, Carneiro de Moura, J. Lobo d'Avila Lima, Canavarro Valladares, Mario Beirão, Alfredo Guimarães, Affonso Duarte, Augusto Casimiro, Ramada Curto, Augusto Pinto, Feliciano Santos, João de Lebre e Lima, João Figueiredo, Sousa Costa, Ladislau Patricio, Candido Guerreiro, etc.

Desenhos de:

Manoel Gustavo, Virgilio Ferreira, José Campas, João de Brito, Christiano Cruz, José de Meyra, Emilio Martins, João Valerio, Mario Pacheco, Manuel Monterroso, Cerveira Pinto, Correia Dias, etc.

Photographia Conimbricense

José Maria dos Santos

COIMBRA — Avenida Navarro, 2

Retratos em todos os formatos até tamanho natural, pelos processos mais modernos. Vistas de Coimbra, Bussaco e Batalha. Encarrega-se de todos os trabalhos fóra do atelier.

MERCEARIA LUZITANA

Gaitto & Cannas

1, Rua do Cego, 7 — COIMBRA

Especialidade em

Chá, café e vinhos finos

Deposito dos vinhos da

Real Companhia Vinicola
e da

Associação da Bairrada

Materiaes de construcção

Agencia de seguros. Transferencia de dinheiro

TELEPHONE, 8

Anno 1.º

N.º 3

A FARÇA

COIMBRA, 25 DE JANEIRO DE 1910

Director artistico — Luiz Filippe
Direcção litteraria de Veiga Simões
Proprietario, Thomaz d'Alvim
Administradores, F. França & Armenio Amado
Livreiros-editores

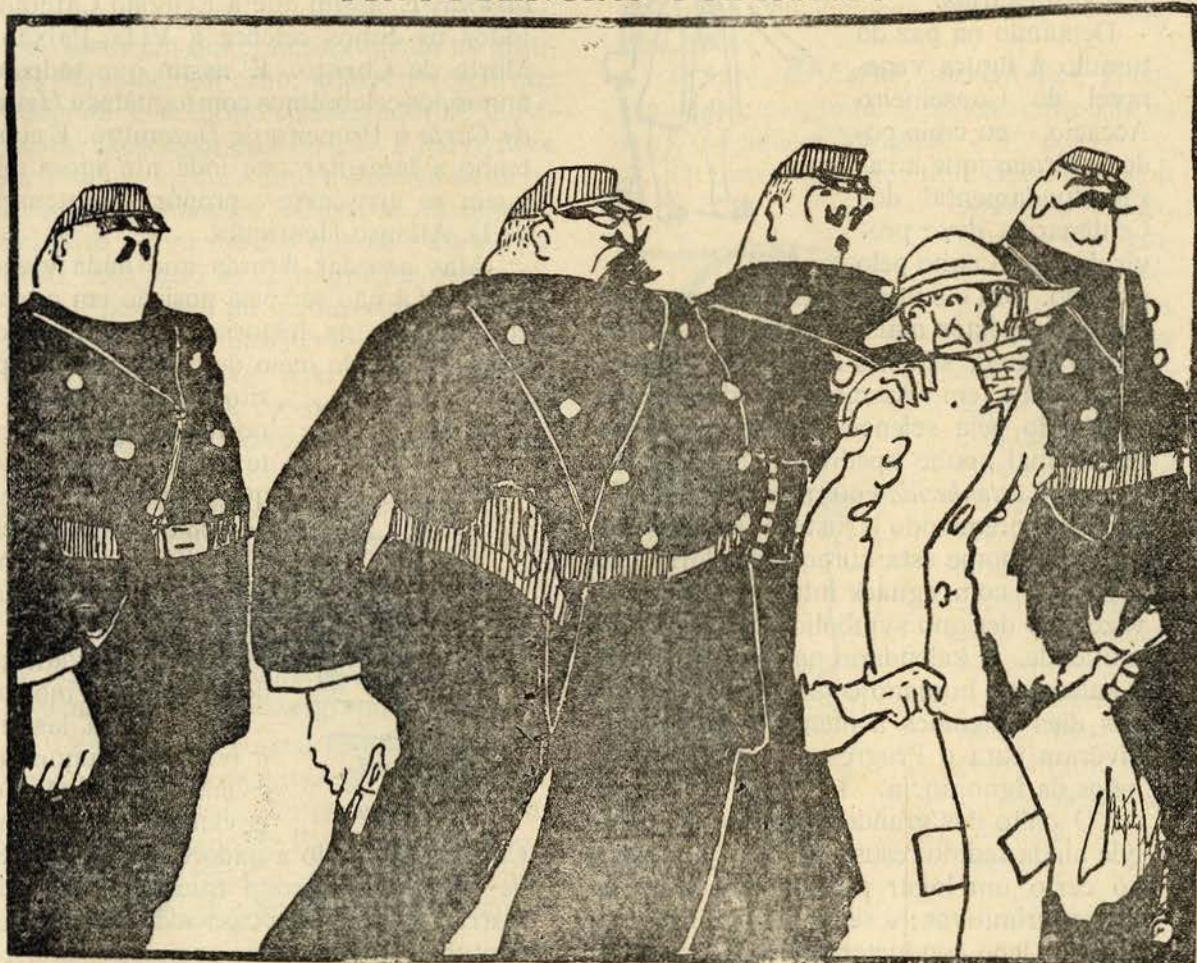
Redacção — RUA DE SUB-RIPAS, 26

Administração — ARCO D'ALMEDINA,

Composição e impressão,

TYPOGRAPHIA LITTERARIA — COIMBRA

PRFOTENCIAS POLICIAES



— Senhor policia, não ha motivo para ferrar comigo na pildra; sou apenas um honesto gatuno que nada tem com essa gente da Revolução. . .

Crónica

Num recente artigo da *Revue*, Mr. Camille Flammarion advoga com a mais poderosa logica e o melhor cabedal scientifico o próximo Centenario da lunetas de ver ao longe. Este curioso artigo de Mr. Flammarion põe de novo ante os meus olhos uma coisa banal que porventura se chamaria — a razão dos Centenarios.

Deixando na paz do tumulto a figura veneravel do Conselheiro Accacio,—eu creio poder affirmar que a razão fundamental dos Centenarios deve provir do nosso culto pelo passado. Ora o culto do passado parece-me um dos aspectos mais interessantes do momento actual, sedento de justiça, e sobretudo sedento em resuscitar á luz dum seculo dominado pela sciencia figuras que o seu tempo mal soube apedrejar. Surge então a «*patria reconhecida*» ou mesmo a gratidão humana, premiando o justo e lançando sobre o seu nome esta aureola de gloria, que a Egreja, com eguaes intuitos, lança por vezes, no desegno symbolico de auréola de santidade. O kalendario nacional ou ainda o kalendario humano consagram assim novos dias solemnes á memoria desses que vivêram para o Progresso e morrêram ás mãos da Ignorancia.

O culto dos grandes homens, que Carlyle ainda tentou resuscitar, desempenhava ao certo um logar preeminente entre os povos primitivos; e seria porventura a religião o laço conductor que o foi trazendo ao nosso tempo e o faz viver atravez dos Centenarios.



Affonso d'Albuquerque

Extranho phenómeno é este numa epocha dominada pela curiosidade ardente e pela vida do futuro, que ponhâmos luminarias ao passado. E só eu poderia explicar a commemoração duma figura quando pela sua obra ella vivesse de tal modo em nós, na nossa consciencia vivesse de tal modo, que ella propria, num impulso espontaneo, se erguêsse a consagrá-la *publicamente*. E' assim que a Religião Cathólica todos os annos celebra a Vida, Paixão e Morte de Christo. E' assim que todos os annos nós celebrâmos com foguêtes e *Hymno da Carta* o Primeiro de Dezembro. E eu só tenho a lamentar que inda até agora ninguém se arriscasse a propôr o Centenario de D. Affonso Henriques.

Mas acordar figuras que nada vivem para nós a não ser pela posição em que as encontrâmos na historia, é de certo modo isqlarmo nos do meio de hoje, jogar o espirito a uma distancia enorme, e regaladamente praticar esse prazer que o genealogista tem ao achar descendencia a certo ramo. E' arriscarmo-nos a não dar um passo sem achar o caminho atravancado de tradições e mortos.

Então seria lastima ir buscar Albuquerque estendendo a mão aos enviados de Ormuz,

Camões salvando a nado o seu poema, Sá de Miranda colhendo fructos na Tapada, Garrett abotoando a casaca de 22. Mas porventura não sam estes os gestos historicos que dessas figuras nos ficáram? o traço como vivem aos olhos de toda-a-gente?



Sá de Miranda



Garrett

Por outro lado, ir festejar uma coisa velha como as lunetas de alcance ou sequer o *passarola* do Padre Bartholomeu é levar um pouco longe o amor pela tradição. E ocorre então perguntar a nós-mesmo se a razão que nos leva a co-roar com o loiro do nosso tempo o *passarola* e as lunetas de alcance não será porventura a mesma que

deixa ficar no esquecimento a invenção do pergaminho, as armaduras de ferro, ao menos a estratégia dos castellos, atravez dos quaes toda uma epocha vive reflectida.

Outra coisa me leva tambem a pensar na razão dos Centenarios: e essa é o desprendimento com que os mais altos espiritos, esses em quem naturalmente as grandes obras acham echo, adherem (creio que adherem é o termo consagrado) ao movimento aberto por dois ou três. E porventura eu teria de invocar aqui a opinião deste ou daquelle philosopho illustre, se me não occorresse agora mesmo que se trata de publico manifesto de consagração; e este publico manifesto ou é um circulo vicioso porque parte do publico e dirige-se ao publico, ou tenta viver uma obra, conscientemente resuscitada, e o peor meio para isso é de certo a philarmonica e o discurso laudatorio.

Ora, felizmente, quando o sr. Conselheiro X. se lembra de propôr um Centenario, como meio de facilitar o intercambio de dois paises, ou quando o litterato-amador Y. lança a commemoração para ostentar num mûdo de pedra o seu dinheiro, não se pensa na obra desse grande homem.

Desta forma, eu sou levado a reconhecer que se trata de agradecer a figuras historicas o seu gesto. Tanto mais que é este o meio empregado na Egreja para as canonizações. Porventura a Egreja canoniza Joanna d'Arc por ter libertado a França?

Nada disso: redime-a apenas desse gesto da fogueira.

Requer-se então um metro para as figuras historicas e para a grandeza do seu gesto, — não ha, — pergunto de novo, — o General Sem Pavôr a escalar as muralhas de Evora, D. Antonio Caetano do Amaral talhando cerimoniosas memorias para a Academia, ou o sr. Hintze Ribeiro assumindo as precipuas responsabilidades.

Agóra que por ahi se fälla num Centenario a Herculano, parece-me esse metro de indiscutivel alcance.

Uma larga figura chamada — *Consciencia Nacional* será rogada e ha de vir aos periodicos celebrar Herculano. Entretanto, — que sabe ella de Herculano e o que celebra em Herculano? . . .

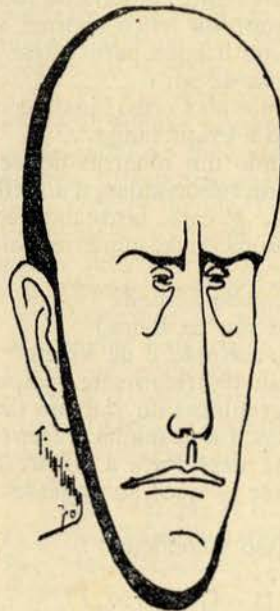
Porventura o romantico liberal, enojado do tempo e dos homens, fugindo para Valle de Lobos?

O autôr do *Eurico*, porventura? E então ocorre perguntar a relação entre *Eurico* e a *Consciencia Nacional*.

O historiador dos municipios? Mas o povo portuguez, algum dia, em pòs de Herculano, manifestou a consciencia da autonomia municipal?

Nada disso. Essa enorme *Consciencia* celebra esta coisa simples que ha setenta annos decóra nos jornaes: — um nôme.

E celebrar um nome não será porventura misticismo pessoal do Conselheiro Accacio?



Herculano

VEIGA SIMÕES

EM 2.^a classe

A principio eu ia só, n'uma carruagem de *segunda*, o que me permittia desfructar o panorama e gosar uma relativa commodidade. Mas



Typos de Coimbra

mais adeante, n'uma estação qualquer, mal o comboio parou, a portinhola abriu-se e o meu compartimento foi invadido d'assalto por uma familia inteira que atravancava tudo: bancos, redes, o menor espaço disponivel, com malas, embrulhos e cestinhos, — uma infinidade de volumes!

O chefe da tribu era um homem nédio, sanguineo, que rebocava uma senhora pesada (onde eu adivinhei a esposa) e mais duas raparigas e um garoto de marinheiro, magrinho, lymphatico e triste.

Auxiliei-os. Fiz menção d'ajudar as damas a subir. E quando a machina apitou e o trem se poz em marcha com um ranger de molas e d'engates, ainda nós todos dispunhamos a bagagem amontoada nas proporções d'um Hymalaia!

Agradeceram, muito penhorados; e depois d'installados convenientemente, o dono de tudo aquillo, que limpava com um lenço enorme as bagas de suor, pediu-me licença para « tirar o casaco e envergar o guarda-pó. »

— Parece que estamos no Congo! justificou. Este calor está mesmo a exigir tanga...

Eu sorri, relanceando um olhar ás donzellas, que sorriam tambem, ruborisadas, d'aquella ideia africana do papá. E este, fariscando em mim uma indole communicativa, inqueriu satisfeito:

— O cavalheiro vem de Lisboa?

— Não senhor. Eu sou da Beira!

— Ah, da Beira!... Então é de Vizeu?

Sorri de novo, mas discretamente, respeitando as noções corographicas do viajante simplorio, que o Acaso collocára na minha presença, e em cujo bestunto se desenhava a pittoresca imagem d'uma cidade — que abrangesse a Beira...

Apresei-me por isso a confirmar:

— Sou de Vizeu...

— Então conhece lá o Gastão...?

— O Gastão?!

— Sim; o Gastão Nogueira, dos Impostos!

Achei divertido conhecer o Gastão. Recordei-me:

— Ora o Gastão!... Estou doido! Conheço perfeitamente; se conheço!...

Mas depressa cahi em mim, reflecti que podia

ser colhido na mentira. Foi portanto para exhibir-me a perguntas que ferviam já nos labios do companheiro, que eu perguntei do meu lado:

— E V. Ex.^a?... V. Ex.^a é d'aqui, d'estes sitios?...

— Sim senhor. Mas agora vamos para banhos! Isto que o senhor aqui vê, (e com um gesto circular indicava a familia) pertence-me! O rapaz é fraquito, tem escrófulas, (apontou o pescoço de fedelho) olhe! — Dizia-me o dr. Maia... conhece?

Eu declarei que não.

— Pois admira!... Espere, agora me lembra: deve conhecer! Elle até costuma ir muito a Vizeu. E' irmão do padre Levy, Levy da Maia, d'uma familia muito illustre que tem uma irmã viscondessa. O senhor conhece com certeza...

E como eu insistisse na negativa:

— O padre Levy, homem! o que escreve no *Commercio*... não conhece o senhor outra coisa! Tive de lhe dizer que sim.

Havia-me insinuado já no animo d'uma das meninas com quem mantinha desde a ultima estação um namoro matreiro: e apontava-lhe como flechas os olhos amorudos, revirando-me ella os seus, redondinhos, negros, timidos olhos sertanejos...

— Pois o dr. Maia, — tornava o pae, — dizia-me muita vez: « Alves, leve você o rapaz ao mar; leve você o rapaz ao mar, que se cura. » Mas ó doutor, veja lá, tenho agora tantos affazeres... E tinha! Se o rapaz fosse coisa que se pudesse ahi endireitar, que demonio! tomando uma drogas... « Não, não; sem banhos não se põe direito. » Que havia eu de fazer? Que fazia o senhor nas minhas condições?

Esperou resposta; e como lh'a não dêsse:

— Sahia, não é verdade?...

— Pois claro!

— Foi o que eu fiz. Mando arranjar as malas, tranco a porta, metto toda esta tropa no comboio... e elles ahi vão!

— Fez muito bem.

— Acha?... — e poisava a sua mão sapuda na minha côxa, todo familiar. — Acha então o cavalheiro que fiz bem?...

— Mas isso nem se pergunta! applaudi, sem reservas. — Mesmo que não houvesse precisão, que infelizmente ha; bastava só a ideia d'irem gosar!

— Gosar! Mas olhe que se gasta um dinheirão!

— Pois gasta. E isso que tem? A gente, costuma-se dizer, não vive só do que mette no estomago. E' preciso ver, dar de comer aos olhos...

— Dar de comer a quê?...

— Aos olhos.

— Hum!

Não percebeu. E suave com o calor, nas frontes, nas bochechas, mórmente nos refêgos do

cachaço. Entrou depois a divagar sobre economias, expondo-me n'uma franqueza saloia o orçamento da viagem; e tentou por ultimo justificar pela hereditariedade a compleição morbida do filho:

— Isto é de familia! O avô d'elle, meu pae, tambem assim era: sempre doente, sempre com remedios! Mas a avó, é curioso! — robusta, córada, parecendo que vendia saude... Eu, onde me vê, sahi a ella. Olhe que nunca tive uma dôr de cabeça! Nunca! Mas já um tio que nos morreu ha tres annos...

Alves dispunha-se a fazer-me seguir todas as ramificações pathologicas da sua ascendencia! Passei a não lhe responder, dizendo-lhe a tudo *que sim*, com a cabeça... E a rapariga, de lá, muito terna... Um amor!

No meio d'esta felicidade, porém, a certa altura, — na altura d'Ovar, — passou-se um episodio triste, de que fui victima, o qual despertou profundo desgosto em todos nós! Fôra o caso que, sobranceira ao meu logar, ia uma cesta; senão quando, ahi se pôe ella a mijar sobre mim, no meu chapéu, qualquer gorduroso liquido, em fio... Ergo-me d'um pulo! Houve um alvoroço no compartimento. Alves gritou: oh, demonio! oh, demonio!

Entretanto, alguém explicava que tinha sido molho de peixe que se entornára...

Molho de peixe!

Eu tinha então já tirado o meu chapéu, e olhava desolado a nódoa negra, enorme, que alastrava, se embebia no feltro da aba, inutilizando-o sem remedio!

Côro de lamentações e desculpas:

— Ora esta!

— Uma assim!

— Só a nós é que acontece...

E de coração alanceado, com ancias d'espantar aquella gente barbara, eu ainda ganhei forças para lhes dizer:

— Não faz mal; não se incomodem... —

E com um sorriso amarello, que era toda a minha bilis a extravasar: — Até tem graça!

Graça!

Passou-se porém aqui uma coisa galante que me captivou: essa das duas meninas que me havia já endoidado o coração, n'um movimento impulsivo e no mais acceso da balburdia que se estabelecera, tira do seio o lençinho d'assoar, e veio enxugar com elle a nódoa indelevel!

Esquivei-me desvanecido:

— Oh, minha senhora!...

E com o lenço enrolado á laia de esponja, ia chupando, chupando...

— Se calhar era novo... — disse-me.

Respondi:

— Era novo.

— E bom?

Fiz um gesto de grandeza:

— Dezoito tostões!

Alves voltou-se espantado para a esposa que segredou a importancia á outra filha, a quem o irmãosito — que viera á janella do wagon a ver a machina — pedia choramigando e arregalando um dos olhos, que lhe tirásse um *alguero*...

D'ahi a momentos o comboyo parava: — Espinho! — Era a estação onde elles ficavam. Alves foi o primeiro a levantar-se; tirou a carteira e entregando-me um bilhete offereceu-me os seus *fracos prestimos*, pedindo mais uma vez desculpa do desastre. As senhoras cumprimentaram igualmente, e quizeram tambem que eu as desculpasse. Eu desculpei-as... E a mão-sinha da minha ephemera namorada, ao despedir-se, tremia como um passarinho quando lh'a apertei na minha, n'uma pressão significativa. Segui-a com a vista até desaparecer pela porta da estação; e n'uma ultima vez que ella se voltou a olhar-me, quiz-me parecer que lhe vi lagrimas.

Não o juro!

Encostei-me então, só, a um canto, sornbatico, a fumar. O meu espirito oscillava como um pêndulo, entre a suave lembrança d'aquella trigueira (eu ainda lhes não disse que ella era trigueira) e a ideia negra do meu chapéu manchado! Ambos perdidos já agora para mim! ambos, pela força do Destino! Pela distancia que ia separar-me d'ella, para não mais talvez a tornar a ver; pela mácula que d'elle me apartava, para nunca mais porventura o poder usar!

Encarava eu philosophicamente a situação por este lado, quando á janella do compartimento assomou de novo o focinho do Alves, a farejar-me, a dizer:

— V. Ex.^a faz-me um obsequio? Não se esquece, apenas regressar a Vizeu, de me recomendar ao meu amigo Gastão. Eu tambem quando lhe escrever hei-de fallar muito de V. Ex.^a e da sympathia que nos inspirou a todos. Creado de V. Ex.^a...

Ouviram-se os signaes de partida! Estendemos as mãos cordealmente; e ao por-se o comboio em andamento, Alves, a caminhar com a minha mão apertada, lembrou:

— Ah! E que lá recebi as pèras! Diga-lhe tambem isso, sim? Deliciosas! Deliciosas!...

Corria junto da carruagem, ao longo da *gare*, gritando ainda com quanta força tinha:

— Deliciosas!

LADISLAU PATRICIO.



Typos de Coimbra

A pasmaceira de Lisboa

É inútil procurar. Pasmaceira mais característica do que a que notamos todos os dias, ao choque da maior futilidade, na população lisboeta, não a encontramos em Bornes d'Aguiar nem na Pampilhosa da Serra. Em qualquer d'estes logares, fechados entre muralhas de montanhas, a generosidade da civilização não conseguiu introduzir senão a custo e a medo, o relógio de prata, marca *Ancora* e o chapéu alto inverosível, transmittido d'avós a netos com a religiosidade d'uma reliquia, ahí a pasmaceira comprehende-se e justifica-se por maiores que sejam as suas proporções. A vida decorre igual, desde o nascimento á morte, monotonamente como o cahir da agua duma fonte no tanque que lhe preparam. Não ha fortes interesses a desviar os ouvidos, os olhos, o espirito do repique dos sinos á missa conventual dos domingos, da tosquia das ovelhas em janeiro, da lavoura aspera no isolamento dos campos, da ingenuidade dos serões, á lareira,

O espirito francez



Nem tudo se perdeu da visita de Mr. Richepin...

durante os invernos em que o fogo substitue o agasalho das lãs manufacturadas, e em que velhas e moças fiam linho e estopa — enquanto uma voz pautada, sincera, lamuriosa, escutada com devoção, conta historias de soldados perdidos na guerra, ou de lindas virgens requestadas por lobishomens. N'esses fôjos remotos, o imprevisto raras vezes excede o *Senhor Fôra* a muribundo, a enxurrada que se precipita da serra, arrazando hortas e pomares.

Não admira, sendo assim, que uma povoação inteira pare boquiaberta de ante do gallo do Manoel do Adro, que cantou na vespera antes da meia noite, ou que largue a espadella, o arado se um homem de calções e capote

a tiracolo entra na *venta* do Diogo a matar á fome e a sêde de leguas sem descanso.

O que admira é que o mesmo gallo ou o mesmo homem causem sensação identica nas ruas buliçosas de Lisboa. Aqui, sim, admira; porque existe tudo o que é preciso para desviar a attenção do futil e do mesquinho. Ha a variedade d'aspectos, a corrente constante de impressões derivando da multidão afadigada ou preguiçosa que corre para o trabalho ou que expõe e que admira os encantos do corpo e da alma. E ha ainda o movimento dos electricos, o ruido dos automoveis, a attracção capciosa das *vitrines* insinuando se pelo brilho das pedrarias ou pela disposição dos estofos.

E apesar de tudo isto, apesar dos mil contrastes de luxo e da miseria, da multidão que passa exhibindo caricaturas de seres humanos e fructos deliciosos de carne triumphante, a pasmaceira da capital revela-se até deante da *varina* que regateia o peixe com a creada dum terceiro andar. Uma ninharia, um simples grão d'arcia faz estancar em plena praça publica o curso de centenaes de creaturas. Tudo lhe serve de pretexto para o abrir da bôcca e o esgazar dos olhos — o gato que brinca com a cauda do semelhante n'uma janella; o cartaz mais os menos colorido, afixado nas esquinas; o buzinar especial dum automovel e o traço exquisito d'um forasteiro. Não ha dia em que se não vejam damas sumptuosas, das que arrastam sêdas e ondulam os movimentos do corpo pelo compasso dos andores em procissão, estacando de repente n'um passeio, de *lorguon* assestado, felinamente curiosa, para outra dama que lhes passou ao lado. Examina-a com a minucia cuidadosa de quem procede a um inventario, investigam-lhe o côrte da saia e as applicações do corpete e sorriem depois, ou acenam gravemente a cabeça, naquelle gesto lento, penetrado de quem pondéra as verdades fundamentaes dum alto problema.

A rua do Ouro, leito facil por onde se arrasta amodorrada, a ociosidade perfumada duma população inteira, é um exemplo flagrante da pasmaceira alfacinha. Alli se concertam destinos, se decotam intimidades secretas, se adquirem corcundas e cabellos brancos, d'olhos gulosos, embrutecidos de lascivia, seguindo curvas sensuaes, e de labio pendente escorrendo galanteios d'uma infecciosa viscosidade.

Gastam-se vidas desde o alvorecer ao ultimo crepusculo, explorando-se credores, ha até quem esqueça todos os interesses de brio e de coração pelo poiso á esquina do Grandela ou pela marcha lenta, quasi funebre, no espaço que se estende do Rocio ao Banco de Portugal. De maneira que, para essas creaturas, a rua do Ouro é a unica razão de ser—como para Gargantua, a unica razão de ser estava n'um macio

collo de mulher que lhe lisongeasse o instincto e a vaidade. E a rua do Ouro e uma sobre-casaca, um collete phantasia, um vestido alfaiate, córte rigidamente inglez.

A pasmaceira, tomando para motivo essencial a carne palpitante e as habilidades da casa de confeccões, fecha-lhes a luz interior na muralha impenetravel do egoismo bestial de desejo excitado, com moldes de figurinos e tecidos da moda calafetando-lhe todas as fendas. Dentro d'esta muralha não dariam fé, sequer, d'um cataclysmo que arrasasse a cidade, e com a cidade os habitantes extranhos ao protocolo elegante — contanto que ficassem intactos a rua do Ouro, o borbório discreto dos que a frequentam, a casa da modista e do alfaiate e ainda, era indispensavel como o sol e o ar, umas duzias de pasteis sob uma tableta acreditada pelas mandibulas do tom.

Evidentemente: — no meio d'uma população com tão accentuada tendencia para o offício leve de gastar horas e dias de bôcca aberta, no cultivo da pasmaceira ou no fervor exagerado da linha externa, da forma visivel, alem de se dissolverem pouco a pouco os estímulos das virtudes recatadas, desaparecem costumes e tradições que só poderiam viver á sombra d'uma indulgente indiferença, d'um respeito tacito. E' vêr o que succede ao namoro da janella para a rua, que era como um oásis que nos surprehedia ao treparmos uma calçada, na lucta aspera do pão de cada dia, deliciando-nos, afagando-nos com a sua emanação envolvente de sonho e de romantismo. Elle tende a desaparecer, batido pela curiosidade irritante dos que passam, privando assim a mocidade de emoções como as que agitaram Romeu ao comparar o brilho da estrella d'Alva, surgindo por sobre o telhado dos Montechios, no céu purissimo de Verona, com a serenidade innocente do olhar de Julieta. Apenas um ou outro Romeu, dos que conquistam Julieta nos bairros afastados, onde os transeuntes são apressados e raros, conserva o velho habito do *gargarejo*. E ai da namorada que se atravesse a sacrificar-lhe o somno d'uma hora, na rua do Carmo ou no Rocio! Minutos depois dos cumprimentos ao *escolhido*, deixaria de ser namorada d'um Fernando d'um Alfredo para ser uma oradora de comicio, fallando a uma multidão boquiaberta na aspiração d'um filhinho loiro com olhos escúros como os do papá...

E d'onde vem, qual a origem d'esta pasmaceira doentia que nos faz convencer de que o alfacinha, por fóra d'uma correccão impertigada de figurino, ou d'um desdem imperial de escudeiro de casa nobre, traz alapardado nas cellulas da curiosidade o instincto compromettedor d'um serrano do Caramulo? Não sei, e será talvez difficil o explica-lo. O mais provavel é que ella seja uma consequencia da regra inal-

teravel dos contrastes — a que coloca a suprema miseria junto da suprema ostentação, os valles mais verdejantes ao fundo das serranias mais escavadas, o infinito da luz, essa luz que palpita, fulgura e desce dos astros a guiar-nos os passos e a colorir o setim dos roseiraeas em flor, no mysterio impenetravel, negro como a treva, do infinito espaço...

E quem sabe? — pôde ser tambem o resultado d'um descuido absoluto pelas necessidades cerebraes. Como tudo no mundo, desde o orçamento da mercearia aos phenomenos biologicos, se sustenta e vive das leis do equilibrio, o alfacinha, que não estabelece o equilibrio entre o cerebro e os orgãos inferiores no socego recolhido do seu lar, com o espirito vazio como uma jarra sem flores, ao chegar á rua indaga, procura, revolve, com a soffreguidão dos sequiosos, o facto, a occorrença, a futilidade que lhe leve ao cerebro a impressão de uma idéa...

Mas... será, não será assim? Não sei, francamente. O que sei de positivo, é que um homem como eu, com os seus dois kilometros de pernas, traz sempre o crêdo na bôcca n'uma cidade de *pasmados*. Se um dia falta o gato á janella, o boneco das mesuras nas *vitrines*, a dama com menos uma fita no chapéu do que as prescriptas no Rigor da Moda, um homem de pernas excessivas arrisca-se a ter de requisitar policia e municipal, devidamente armada, todas as vezes que quizer chegar de sua casa ao Martinho para o inoffensivo prazer de tomar um inoffensivo *bock*...

Sousa Costa

Mayonaise de Richepin



R.º

«Juntem ao tórso musculoso d'um semi-deus pagão a face ardente e expressiva d'um berbere, aliem a bravura elegante d'um gaulez a truculencia fidalga d'um hespanhol de Lope da Vega; coroom da juba leonina d'um hercules, a mascara intensa e aguda d'um semita, — ahí tem, n'um aspecto rapido, essa figura altissima de poeta.

(Agite antes de usar).

JULIO DANTAS

Jean Richepin no D. Amélia

OU

A Academia Francesa ao serviço do sr. Visconde de
S. Luis Braga

Os jornaes alfacinhas gastaram, numa profusão louca, a deslumbrante pyrotechnia dos seus adjectivos, a tanto a linha, na glorificação do auctor do *Chemineau*, a proposito das duas conferencias que o illustre academico se propôs fazer no theatro D. Amélia.

Essas duas conferencias serviram para alguns patetoides gosarem a deliciosa illusão de que sabiam francês e para o proclamarem bem alto nas columnas de varias gasetas. De resto, a estreia do sr. Jean Richepin não teve outro merito que não fosse o de demonstrar que em França, na luminosa França, ha traducções do sr. Augusto de Lacerda correctas e augmentadas.

*

O sr. Jean Richepin, das *Chansons des gueux* e outras obras igualmente notaveis, sophismou as attribuições do seu logar. Pôz o seu talento e a cadeira da Academia Francêsa ao serviço do empresario d'um theatro, não podendo esquecer-se de que fôra, em tempos menos prosperos, um actôr abortado.

Semelhante maneira d'encarar o talento, pondo-o num cartáz, ao lado das choreographias de Ritta Sachetto e do beneficio de Palmyra Bastos, é vergonhosa para os quarenta immortaes gaulezes e para os creditos do barbudo algeriano. O genio, essa planta hoje rarissima no terreno francêz, devia estar acima das especulações gananciosas da ribalta, emittindo-se por algumas libras. Dependurar-lhe um guizo e cobri-lo com um barrete conico é faltar ao dever que nos impõe a reputação com que, justa ou injustamente, o mundo nos rodeou.

As conferencias do D. Amélia, sob esse ponto de vista, são um desapontamento. Espera-se que o sr. Richepin seja um artista da Palavra, grave na posição a que o guindou o conceito

dos criticos; e o sr. Richepin sae nos — um pelotiqueiro!

*

E é-o, não pelo facto de fazer conferencias, mas pelo facto de as fazer em D. Amélia. Fazer conferencias é mais do que licito — é civilisadôr. Fazê-las, porém, no theatro do sr. S. Luiz Braga, previamente apresentado por phrases descabidas do sr. Julio Dantas, postas na bôcca virginal de Chaby, constitue um acontecimento scenico e não um acontecimento litterario.

As conferencias do actor fallido e festejado poeta — digam as folhas o que disserem — fôram dois monologos mal recitados e em que abundava demasiado amôr proprio. Os effeitos do sr. Richepin, exercidos sobre os tympanos do auditorio, provinham-lhe de forçar os verbos e arrastar os *rr*, o que não constitue virtude oratoria. E a preocupação de fallar sempre de si, de recitar, antes de mais nada, poesias suas, tambem não constitue virtude recommendavel n'um tempo em que as obras sobrelevam as palavras e o elogio, em bocca propria, continua a ser vituperio.

*

As duas conferencias do notavel academico não mereciam a viagem de Paris aqui. A primeira foi banal; a segunda foi pessima. Sobre o mar, o sr. Jean Richepin disse o que todos nós sabemos e mostrou erronea comprehensão da Arte quando ejaculou uma poesia-cinematographica. A theoria exposta, de que as aguas do oceano substituem o sangue, não dá grandes creditos scientificos ao auctor do *La Mer* e ex-critico d'elle mesmo.

E o que elle disse de Napoleão, santo Deus!

Servindo-se de poetas duvidosos, porque estavam numa epoca sentimental e romantica, exaltou Bonaparte ás culminancias dum Christo moderno. Bonaparte — esse outro comediante!

*

Em resumo: o sr. Richepin illustrou um intervallo de comedia com a sua figura de frade antigo, de larga tonsura e comprida barba. Fês da sua immortalidade uma fabrica de moeda falsa. Era justo, pois, que os 39 restantes immortaes lhe fechassem agora na cara a porta do seu olimpo, tão certo como *La neige est belle* ser um mau soneto!

EDUARDO DE CARVALHO.

A Justiça e o afeidor



— Deixa lá ver a balança!

A CARICATURA

Já lá vão muitos annos.

Raphael Bordallo Pinheiro começava a traçar umas figuras grotescas, finamente lançadas, com uma gracil intenção ironica.

Era o inicio do grande caricaturista que depois, durante o periodo de 1878-1899, de enorme degradação politica e moral, se afirmou um grande destruidor de varias porcarias politicas e litterarias.

Raphael Bordallo encontrava Alexandre Herculano na livraria Beirtrand e o notavel historiador, com bonhomia perguntou a Raphael Bordallo, um rapazote, o que andava elle por ali a fazer.

Bordallo explicou a Herculano que tinha planeado a publicação d'um album de caricaturas que expoessem á curiosidade do publico as maiores individualidades da nossa terra.

O historiador achou excellente a ideia, e com aquelle seu feitio cathedraticeo, tanto á moda do tempo, desatou a expôr ao joven caricaturista... a historia da caricatura. Foi essa exposiçào rodeada de lances eruditos. Herculano affirmava que a caricatura é antiga, muito mais antiga que a columna de Pasquino, mas que tem uma funcção nova nas sociedades modernas, entregues á triumphante democracia, porque visa a destruir pelo ridiculo as individualidades perniciosas que o preconceito engendra.

Raphael depois de ouvir com attenção a erudita conversa de Herculano, tirou do bolso uma carteira, e da carteira uma caricatura d'um grotesco achincalhador.

— Sr. Herculano — disse Raphael — para começar o meu album lembrei-me de começar por esta caricatura... que é a de V. Ex.^a, diga-me se o offendo com ella. — E mostrou a caricatura ao historiador.

Herculano fitou a caricatura, córou porque ali se via amesquinhado nas suas ambições de grande homem; mas não quiz confessar o seu desgosto ao rapaz que o expunha na ponta do seu lapis á hilariedade publica, e limitou-se a dizer a Bordallo:

— Claro está que me não offende, porque se me offendesse... dava lhe dois ponta pés. E ficou se com a recondita vontade de lh'os dar.

CARNEIRO DE MOURA

Coisas do tempo antigo

I — Carta dum Capellão ao seu fidalgo

A. C. Ill.^{mo} Snr. José Francisco Juzarte da Silva e Costa de Sousa Tavares, Fidalgo da Casa Real e assistente na V.^a — de — Monforte. com hua encomenda.

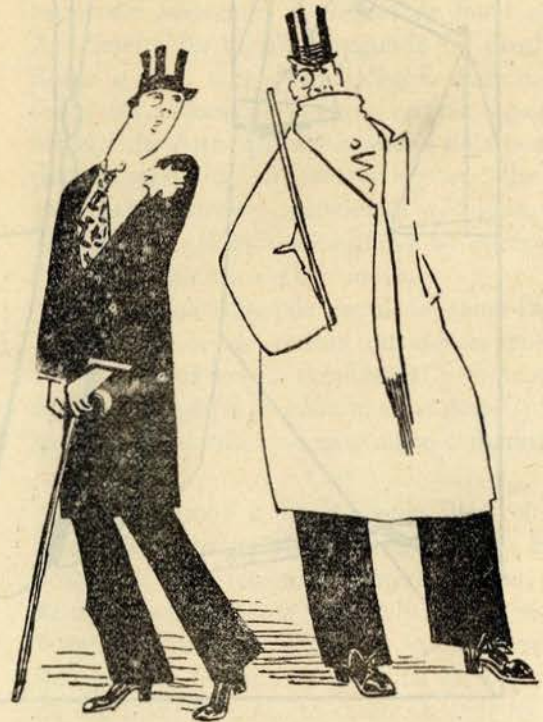
Ill.^{mo} Snr.

Recebi duas cartas de V. S.^a igualmente a canastra, sobre a carta do Chichorro, já asigurei a V. S.^a havia deixar no correio de Sigmunda feira, o q. fiz, Joaquim brevemente hirá falar com V. S.^a p.^a acertar o dia e m. q. hade hir, remetto hu arrate de fio, outro de rapé como me determina, vão as bugias, facas e leque da Snr.^a m.^a Madrinha, agora encommendarei as mais que V. S.^a q.^r Estimo venha já p.^a v.^a e q. me annuncie o dia em q. se hade celebrar o consorcio recomende-me as Fidalgas minhas Snr.^{as} e não ha tempo p.^a mais sou como sempre de V. S.^a.

Capellão mt.^o obrig.^{mo}

Estremoz, 5 de 7 bro. de 1817.

FARTEL.



— Não vens ao Richepin ?

— Ah?! Que isso, é lyrico ou cinematographo ?

LA FIGLIA DI IORIO TRAGEDIA PASTORALE DI GABRIELE D'ANNUNZIO

 Mimi Aguglia acaba de vir a Coimbra, e em Coimbra representou *La Figlia de Iorio*. E se o primeiro facto teve consigo o mais extranho dos successos, no dominio absoluto da artista em todas as nossas actividades, eu ignoro se porventura os meus contemporaneos, illuminados de entusiasmo e de calor por um palminho de corpo onde as paixões tumultuam, generosamente saberiam distinguir o alcarice que tem este simples facto de Mimi Aguglia nos ter representado *La Figlia de Iorio*. Tam extranha e rara coincidencia dum gesto cyclico de D' Annunzio, nascido na terra dos Abruzos como o autor, encontrar exteriorização completa numa artista comple a nascida na Sicilia, é para nós, nos tempos brancos e horizontaes de agora, um caso virgem, que porventura merece mais demóra que a profusão tumultuaria do adjectivo. E' uma róta nova, abrindo-se, e enchendo na mancha dum sol cantante e diaphano uma fita de oceano, cada vez mais larga. Essa obra de arte assume assim um aspecto integral que podêmos olhar de cima, em vista de conjuncto, abandonando os detalhes; encontra emfim o successo que o autor reclâma, achado o filão que Suzanne Després não conseguiu achar. Parece que Mimi Aguglia insuflou na obra de Gabrièle d'Annunzio um largo sopro sobrenatural, percorrendo-a toda, sagrando-a de vida e de relevo.

O capricho artistico e o dominio do individuo sam sempre commodas explicações para quem quer o espirito satisfeito e boas digestões. Seria interessante destrinçar a seiva occulta com que a actriz animou a tragedia, fazendo vibrar em cada scena o calor vital que o autor por palavras só incompletamente podia dar-lhe, sem que

a nossos olhos um momento se perdesse a construcção symbolica da obra. Representando *La Figlia de Iorio*, Mimi Aguglia conseguiu tudo aquillo que os longos prefacios, plasticos e apolineos, de Gabrièle d'Annunzio não poderam conseguir.

Porquê?

* * *

O angulo fundamental da obra de D'Annunzio po de ser abrangido desde que a olhêmos em conjuncto e lhe busquêmos as fontes.

Gabrièle d'Annunzio, é um filho posthumo de Wagner e Nietzsche, nascendo da sedução esthetica pela obra do primeiro e querendo prolongar o alcance momentaneo da doutrina do segundo. No mundo contemporaneo, Wagner é a coroa nobilissima do Romantismo, a realização da Epopeia Humana atravez do aspecto externo e symbolico. Se, pelo processo, Wagner é o ultimo romantico, pelo conceito fundamental é o vidente da obra humana atravez do impe-

rialismo moderno. Nietzsche, pelo seu lado, parece me antes o philosopho do capitalismo, do *struggle-for-life*, do *trust*. Terá talvez nascido de Marx; mas foi um rebento bravo, engeitando o tronco e tomando na direcção oposta.

Ora o fructo mais extranho que nasceu deste extranho casamento, foi por certo a obra de D'Annunzio. Se a Wagner foi pedir a largueza do significado esthetico, conselhos intimos de Nietzsche não o teriam deixado voar, libertadoramente, na direcção de Wagner. A philosophia dum reduziu o campo de acção que o artista lhe entreabria. E tanto assim é que do *Più che l'amore* D'Annunzio quis fazer o derradeiro brado pela libertação do homem, — porventura Parcifal erguido a uma altura enorme donde



Mimi Aguglia

(Desenho de João Valerio)

olhasse o universo; mas Nietzsche prendeu-o, enredou-o, dominou-o, enquadró-o, e essas paginas longas de dialogo simplesmente ficaram o canto egoista dum homem superior. Não foi Siegfried libertando o Mundo; foi o Super-homem a achar exteriorização.

Mas tam alto e nobre exemplo é a obra de Wagner, que todos os que têm o seu contacto della saem sempre com qualquer coisa de bom. Guiado por ella, Gabriele d'Annunzio tentou a epopeia cyclica da Italia, erguida nos aspectos dominantes. Mas em vez de ir buscar aspectos fundamentalmente nacionaes, nessa vasta rede que vai da *Nave a Piu che l'amore*, passando pela *Francesca* e por *La Figlia de Iorio*, preferiu emoções artisticas, nascidas e creadas ao contacto do sólo, de eguaes costumes e tradições eguaes.

Assim nasceu *La Figlia de Iorio*. Wagner de um lado entregava-lhe a Montanha, com todos os seus aspectos detalhados, apontava-lhe o symbolo, atravez do qual distinguiria o conjuncto; mas Nietzsche, enchendo as veias do artista, fez-lhe nascer *questo canto dell'antico sangue*. A

tragedia ficou por isso um supremo canto do individuo, do sacrificio ao individuo e ao sangue, com a largueza trágica dum primitivo grego. Verdadeiro nietzscheano, D'Annunzio apreheu o *dyonismo* da Grecia antiga; e é ainda a mesma ancia animadora de Eschylo e Sophocles que faz o sopro tragico da obra.

La Figlia de Iorio é por isso mesmo a obra mais interessante do tragico italiano. Não seria aqui o logar para discutir se porventura a concepção da tragedia, formada por d'Annunzio,

corresponderá de facto á expressão do momento actual. Mas o que é de todo o ponto notavel, é revelar um artista bebendo directamente na arte pura da Grecia a construcção duma obra. Como nas peças de Sophocles, o symbolo tragico domina sempre a situação; e não podendo haver nelle o symbolismo pagão do fatalismo dos deuses, dá-lhe d'Annunzio a *essa tragedia pastorale* um symbolo christão representado no Anjo Custodio. Como nesse fim da Meia-Edade em que o homem desaparecera *individualmente*,

para se confundir na grande massa collectiva dos fieis da Igreja, o symbolo do Anjo domina a tragedia inteira, em todas as situações. O mesmo temor religioso esmaga a acção, enrola-a em volta dessa estatua rustica do Anjo, na mesma superstição herdada no sangue e no sólo. Ao contacto do sólo, os personagens (a scena passa-se no Abruzos, *or è molt'anni...*) sentiram-se pequenos e apeláram para um poder supremo; e ante o poder supremo sentiram-se esmagados, entregando-lhe a direcção da vida e o fio da existencia.

Como nas grandes tragedias da Grecia, o côro interpre-

ta a fatalidade do destino — que é agora voz de Deus. E'o o *coro* que afinal liberta Aligi, lançando á fogueira Mila de Codra; e de todos os personagens apenas Ornella sente, de nitido, o sacrificio de Mila; o proprio Aligi parece arrastado na voz do côro, alheiado de si, confiando na voz de Deus que o côro justiceiro eleva.

Nisto o ventre bemdito da arte grega se abriu para D'Annunzio. Mas o conflicto dramatico entre a Montanha, o sangue simples e puro, e doutro lado a amor de Mila, filha de feiticeiro,



Na Figlia de Iorio

Caricatura de Cerveira Pinto

vivendo fóra da terra, fóra da mesma religião que os abraça a todos, desses mesmos costumes em que todos viveram, da mesma simples confusão da Natureza, — este conflicto dramático vem modernisar o symbolo tragico, completando-o. Pela sua largueza, a construção do conflicto deve provir de Wagner. Como de Wagner provem esse *leit-motiv* que em toda a peça perpassa, *acordando de um peso de setecentos annos: il peso de settecent'anni*.

Atravez do conflicto dramático, animando de paixão a obra inteira, entregando vidas e relevo, a dor é simples como o ar da montanha e o sen-



Uma scena da tragedia

(Desenho de Adolfo da Karolis)

timento dos homens; e tam cheia de pureza e claridade ella nos sai que dir-se-hia transparente, deixando ver atravez dessa enorme paixão o aspecto tranquillo dos fundos, com rebanhos pastando e vozes de pegureiros quebrando-se pelas encostas.

* * *

Os senhores sabem: a acção passa-se nos Abruzos, *or è molt'anni*...

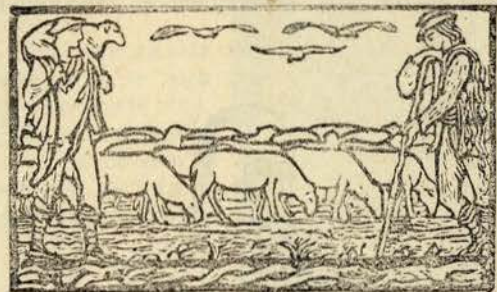
Nessa mesma primitiva terra donde provem o sangue de d'Annunzio, — Montanha e Mar, — ahi elle foi buscar figuras e local. Verdadeiramente essas figuras vieram da terra, viveram no artista, e a sua tarefa resumiu-se a dar-lhes côr e a insuflar-lhes vida.

A Sicilia é esta mesma terra primitiva, irmã gêmea dos Abruzos, onde o mesmo terror do desconhecido foi fazendo crescer mythos eguaes. A terra abria se, tremendo em fendas largas que engolphavam os homens; e entre a montanha e o mar, o homem foi sempre olhando com veneração divina esse poder desconhecido que agitava a terra e engulhia os rebanhos. Era assim já no tempo dos romanos; mas quando mais tarde o idealismo christão entrou a materialisar-se, a Sicilia devia abraça-lo, entregar-se-lhe abertamente, corpo vivo e alma viva. Entre o italiano do norte e o do sul ha a differença que vai de Ticiano a Ribera. O colorido supremo de Veneza propuziu o colorido supremo da pintura: a alma dum siciliano deve ser simples como as tintas da Ribera.

Os escriptorios sicilianos, que entram a produzir, quasi que de exclusivo ferem themas populares. O povo é a arca sagrada das tradições, das fontes vivas da arte; e a elle recorrem sempre os renovadores litterarios, tentando erguer o momento. Por isso mesmo, as obras sicilianas representam um dos movimentos mais sympathicos da arte actual; e porventura aquelle que, bebido em maior pureza, bem alto vai erguendo a função social da arte.

Como nos tempos antigos (*or è molt'anni*...) o povo e os seus costumes seduziu todos os artistas. E esta Mimi Aguglia, extraordinaria artista, parece que do povo se ergueu para dar expressão á voz do povo. Chamada a representar essas peças locais de Verga e de Capuana, ella não as representa: vive as, realmente e intensamente, atravez do seu sangue, onde ha sangue do mesmo tronco, onde vivem tradições eguaes e onde perpassa, nos mesmos costumes, o aspecto passional da raça, o fatalismo da raça. Ouvindo-a e sentindo a, sentimos e ouvimos toda a arvore genealogica da Sicilia, desde os avós recentes, descidos da montanha, ao espirito dyonísico dos gregos entrado pelas bandas do mar.

Simple e grande, essa simple e *bôa-rapiriga* que é Mimi Aguglia intima, eleva-se aos maiores conflictos e ás maiores paixões, — grandes porque nasceram da simplicidade do povo, e que ella, expressão desse povo, torna igualmente grandes. Em sentimentos o povo não conhece o meio termo, que é producto dispersivo da civilisação: divisa apenas a linha dos extre-



Outra scena da tragedia

(Desenho de Adolfo da Karolis)

mos. E esta formidável actriz que é Mimi Aguglia é tam grande e tam simple nas suas creações que porventura os que viverem alheios do contacto do povo perguntarão a si-mesmos se acaso a intensidade das paixões poderá subir tam alto alto. Mas que se olhe a tragedia grega, producto simple do povo; e ver se ha pulsar o coração da Grecia a tal altura que os nossos olhos não podem attingi-la.

E é facil de ver porque a Duse da nobre serenidade nunca tentou a peça, porque Suzanne Desprès nada conseguiu fazer de *La Figlia de*

Iorio, com todo o seu talento ao serviço da peça. Os senhores ouviram o segundo acto: e viram no soltar limpidamente, através da sobriedade extrema de Mimi esse conflicto simples e grande. Creio que Després, artista cheia de recursos, pretendendo representá-lo, deixaria os espectadores ante a aridez duma planície rasa. Viram Mimi Aguglia: e sentindo-o e vivendo-o, elevou-o a essa altura maxima que porventura D'Annunzio sonhou para a tragedia. Representada por outra actriz, *La Figlia de Iorio* não vai além de peça de costumes; mas Mimi representando-a fez-nos sentir essa *tragedia pistorale*.

Porventura um esforço menor, nascido naturalmente no mesmo meio supersticioso e simples em que desfilam os personagens, conseguiu tudo isso que outras artistas á força de trabalho não poderiam fazer.

Mimi Aguglia, por isso mesmo, é a unica e altissima actriz que poderia interpretar *La Figlia de Iorio*. Mas como interprete do theatro siciliano, expressão viva dessa região, sentindo-o e vivendo-o, ora em convulsões histericas geradas na alma duma rapariga, ora na mesma submissão ao povo justo, Mimi Aguglia é muito mais do que isso: é uma artista genial.

E é facil de ver agora como num tempo em que o theatro romantico encontra ainda interpretes romanticos, num tempo em que Sarah Bernhardt ainda busca o gesto, ainda lapida a phrase, Mimi Aguglia, lançando se por acaso neste theatro, o enche dum naturalismo novo e raro. Ao contacto do povo viveu



Gabriele d'Annunzio



Gabriele d'Annunzio

(Caricatura de Olaf Elubrásson)

e amou a natureza; é essa mesma natureza que ella nos entrega sempre, ou represente o seu theatro, ou em simples incidente nos dê theatro francês.

* * *

A Italia actual entrou a revelar nos manifestações de arte viva, superiores e fundas. Dum lado a França espirituosa e amavel continua a traduzir a dispersão do tempo, a leveza da epocha; repare-se que Anatole France se ficou ainda e sempre a recordar o Cenaculo de Leconte, através dos seus livros simplesmente parnazianos; que o romance francês hesita entre a primitiva manifestação de arte que é o realismo, e a evocação isolada de tempos que se foram e onde apenas se vai buscar o simples efeito artistico; que o genero preferido pelo escriptor é a chronica diaria, futil como esse dia que a gerou.

Do outro lado, na Italia, parece que um alto sopro de vida a invadiu pouco a pouco; e todas as suas manifestações estheticas, todas as suas manifestações sociais, nos deixam a impressão de que a Italia tenta emfim resgatar, em todas as actividades, productos falsos e postiços com que se encheu no seculo findo.



Na «Malia»

(Caricatura de Luiz Filippe)

Ora o theatro de Mimi Aguglia é uma alta e nobilíssima expressão de arte, bebida nas veias puras d'onde emana a arte viva. Mimi Aguglia nasceu na Sicilia, cresceu e viveu num meio de tradições vincadas na alma sempre nova do povo. Como nos tempos antigos da Grecia, em que a arte era um producto espontaneo, mythos religiosos e tradições poeticas da região entraram de novo a tomar corpo — e pediram expressões artisticas. Um recente autor siciliano, Luigi Pirandello, explicava á frente dum *recueil* de novel-las o duplo aspecto da alma moderna, perdido entre a face da tragedia e da comedia.

Bom Deus! Os artistas que a Sicilia começa a revelar-nos não podem ter hesitações: productos espontaneos do povo, atravez das suas obras vive a linha simples e clara da perfeição artistica, das obras de arte puras.

Ou vamos ler Pirandello, ou se veja Mimi Aguglia, ou entendâmos Capuana, acima de tudo veremos sempre o aspecto dramatico e passional da raça, atravez dessa mesma sobriedade que é o caracter das grandes obras e que nós tanto admirâmos na grande actriz.

Mas Mimi Aguglia, de todos os artistas que

eu conheço da Sicilia, e de que fallo, é o que mais alto vive dentro em mim, na minha admiração e no meu entusiasmo. A meus olhos ella assume esse aspecto enorme de ser a suprema interprete da sua terra, vivendo os seus costumes e as suas tradições, sentindo as suas lendas e a sua religião, — erguendo se do povo, elevando-se acima dell-, e interpretando todos os aspectos numa synthese purissima de arte viva.

E tanto mais a admiro quando na Italia eu vejo apenas hoje um grande artista a contrapor ao seu nome. Um tornando se inconsciente expressão da sua terra, vivendo a nos detalhes mas sentindo a no conjuncto — essa região que se alevanta para a arte e toma na actriz uma expressão integral. Outro, atravez da consciencia esthetica, ferindo em obras de arte o lume das tradições, dos caracteres fundamentaes do povo italiano, procurando interessar a Italia por esses aspectos dominantes que seram porventura faces prismaticas da sua actividade.

E sabem como se chama esse artista que eu contraponho a Mimi Aguglia, em igual logar e á mesma altura?

— Gabriele d'Annunzio,

Tal é o significado social do theatro de Mimi Aguglia.

* * *

Abrindo estas palavras, comecei por formular uma pergunta.

Creio ter achado a resposta, inteiramente.

Por ventura esta resposta é o meu aplauso á arte viva, producto espontaneo, abandonado o capricho as formas ligeiras do momento.

Por isso mesmo, a vinda de Mimi Aguglia a Coimbra, representando *La Figlia de Iorio*, marca na minha vida

uma das maiores sensações de arte que eu tenho experimentado. Por nosso bem, eu quereria que ella para todos ficasse igual; e que a representação da obra de D'Annunzio por esta genial actriz fosse um marco por deante do qual se nos rasgasse um conceito de arte, perfeito e vivo.

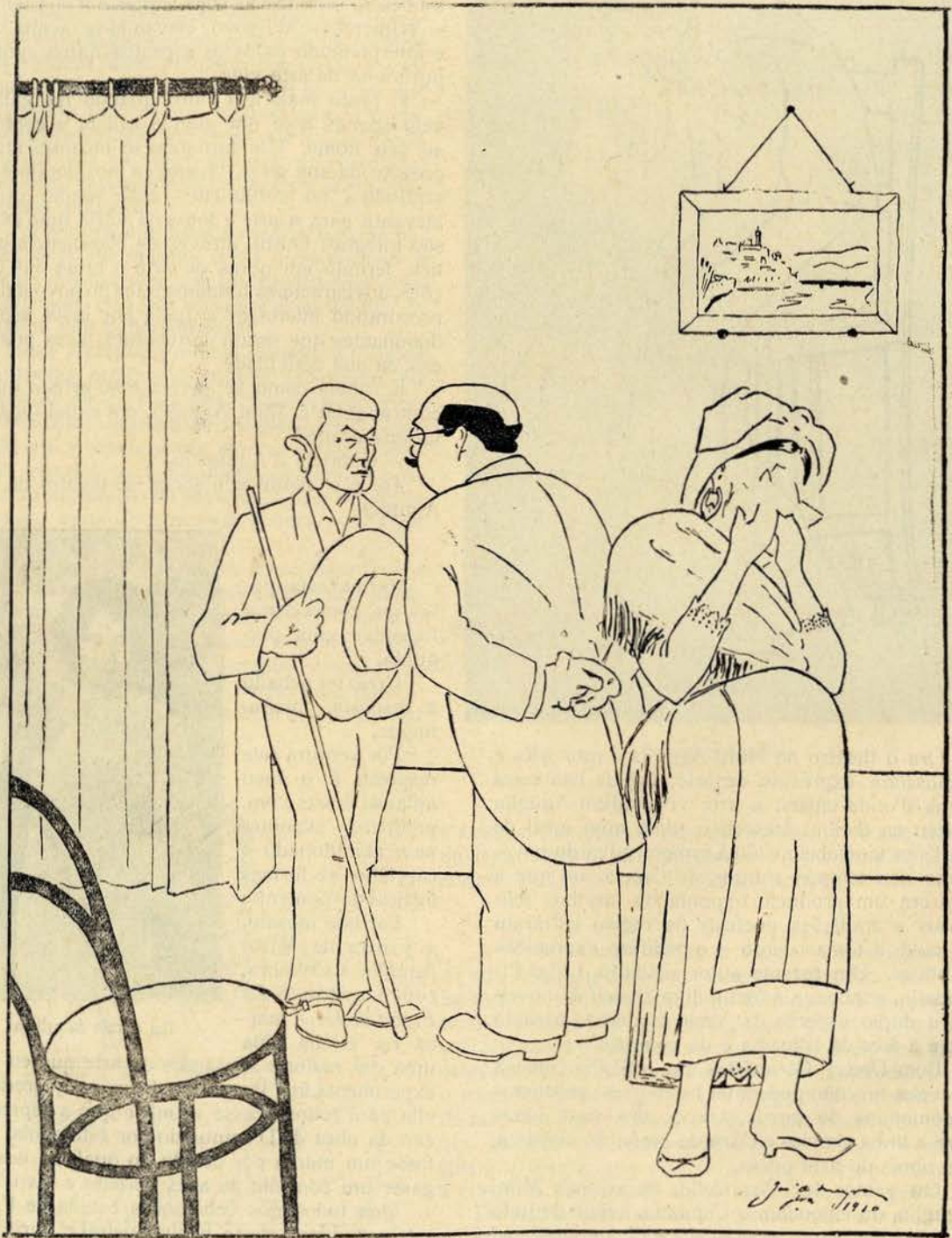
Que todos nós bebâmos a bebida de Fausto; e talvez depois deste banho lustral e purificador, que foi o theatro de Mimi Aguglia, nossos sentidos sintam por inteiro e o nosso olhar não páre no horizonte.



Um retrato da artista

VEIGA SIMÕES.

Pequena diferença



- Ora diga-me, sr. doutor: estes vomitos serão de gravidade?
— De gravidade, não: apenas... de gravidez.

Papelaria Borges

COIMBRA

CASA EDITORA DE BILHETES POSTAES
ILLUSTRADOS

**Apparelhos e mais material
para Photographia**

Para os Ex.^{mos} Academicos faz
preços excepçionaes nos grupos
de cursos e em retratos, que se
encarrega de mandar reproduzir
na Allemanha.

*N. B. — Ha já grande numero
de assignaturas para encomendas;
e pôde fornecer amostras de algu-
mas, executadas com a maxima
perfeição.*

Pastelaria e Confeitaria Telles

Fabricação esmerada de finos
doces de ovos, e de fructa de to-
das as qualidades, em seccos,
crystalisados e em calda.

Variada pastelaria em todos os generos

Pudings de diversas qualidades, Pão de
lô pelo systema de Margaride, Galantines di-
versas, Patés Saucisses.

Vinhos, Cognaes, Champagnes e Licores finos das
p'ncipaes marcas

Cartonagens, Amendoas, Chocolates, Bom-
bons, Drops, Queijos, Chás e artigos de
novidade

**Unica casa que vende a finissima
manteiga da QUINTA DE FON-
TELLIO—Paços de Ferreira e os
deliciosos rebuçados de fru-
etas especialidade da Pada-
ria FARIA do Porto**

150, Rua Ferreira Borges, 156 — COIMBRA

Telephone n.º 23



Grandes Armazens do Chiado



**E' o estabelecimento
que melhor e mais bara-
to vende em**

Coimbra

Rua Ferreira Borges



A Elegancia de COIMBRA



SAPATARIA DE

MANUEL TEIXEIRA

Rua Infante D. Augusto, 6 a 14

Esta casa, conhecida em todo
o Paiz, não recommenda o seu fa-
brico.

DROGARIA VILLAÇA

Coimbra

Completo sortido de drogas, productos chimicos
e pharmaceuticos.

Fornecimento para farmacias e laboratorios

LOUIS FONTAINE

Accordeur diplomé de la Maison Pleyel de Paris

Pianos, afinações, concertos

VENDAS E COMMISSÕES

Provisoriamente

28, Rua Sá da Bandeira, 28 — COIMBRA

Grandes Armazens de Lisboa

11, AVENIDA NAVARRO, 31

entrada pela Moura da Estrella, 2

PREDIO TODO

COIMBRA

O mais vasto estabelecimento da provincia, com as mais sortidas secções de *modas, chapéus, confecções, lanifícios, fanqueiro, retrozeiro, perfumarias, estofador e brinquedos*. Ateliérs de chapéus, modista e alfaiate.

SORTIDO MONSTRO.

PREÇOS SEM COMPETENCIA

Um dia por mez

Fazendas de Graça!

Pedir instrucções nos

Grandes Armazens de Lisboa

LIVRARIJA MODERNA

A. GONÇALVES CUNHA

23 — Marco da Feira — 25

COIMBRA

Livros portuguezes e estrangeiros sobre todas as materias, **novos e usados com grandes abatimentos**.

Revistas, jornaes, illustrações. Musicas. Cordas e outros pertences para instrumentos. Papelaria. Bilhetes de visita. Postaes illustrados. Encadernações. Gravuras. Sellos para collecções. Tabacos. Perfumarias.

Compram-se quaesquer livros em grandes ou pequenas quantidades.

ALFAIATARIA E CAMISARIA

Francisco M. de Souza Nazareth e F.^o

20 — Rua Ferrelra Borges — 24

COIMBRA

Completo e variado sortido de casemiras para fatos e sobretudos, luvas, collarinhos, gravatas, suspensorios, ligas de camurça, cache-col em seda, veludo e lã. Camisas brancas e de côr.

Agencia da Companhia de Seguros Bonança, a mais poderosa e antiga de Portugal.

GRANDE CAFE CONCERTO

Antigo Café MARQUES PINTO

PROPRIETARIO,

Manuel J. Telles

Praça do Commercio

COIMBRA